

OCEANO COLIGIDO, de IACYR ANDERSON FREITAS

Menção Honrosa Prêmio Casa
de Las Américas de 2004

FREITAS, Iacyr Anderson.
Oceano coligido. São Paulo:
Editora Viramundo, 2000.

Prefácio de Fernando Fábio
Fiorese Furtado.

por Alexei Bueno*



* Ensaísta, organizador de antologias e autor de diversos livros de poesia, entre os quais podemos destacar *Em sonho* (Rio de Janeiro: Record, 1999), *A via estreita* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995), *A juventude dos deuses* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1996), *Entusiasmo* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1997) e *Poemas reunidos* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998).

A poesia brasileira, nesta última década do século XX, dividiu-se – podemos afirmar com certa simplificação – em duas posições antagônicas. Depois de todos os exercícios e a pletora teórica e doutrinária das vanguardas, esse fóssil da modernidade extinta, a geração de poetas nascidos por volta do início dos anos 60 e firmada literariamente na década de 90, pode ser classificada, a rigor, em duas posturas: os epígonos ou penduricalhos midiáticos das mesmas vanguardas e os independentes, ou seja, os que, sacudindo toda a montanha de lixo teórico e onanismo universitário com que se envolveu a poesia brasileira, volveram às fontes primordiais da poesia ocidental, aos nomes maiores da lírica de língua portuguesa, a uma visão e a uma procura ontologicamente limpas perante o universo e a vida humana, e desenvolveram um estilo pessoal a partir do inesgotável patrimônio de formas acumulado nos últimos três milênios dessa arte. Neste segundo grupo, e exemplarmente, é que se situa Iacyr Anderson Freitas, sem dúvida um dos grandes representantes da lírica brasileira neste final de milênio.

Iacyr, como podemos ver em *Oceano coligido*, antologia do seu já longo e fecundo caminho poético, domina desde o verso livre e branco, em que sempre revelou grande mestria, até a forma fixa do soneto – essa inesgotável invenção da poética ocidental –, com que compôs o seu livro *Mirante*, o mais recente de sua produção, ao lado do inédito e por todos os títulos admirável *Exercício estrangeiro*, da mesma maneira que domina o poema curto e o longo, e sobretudo a seqüência de poemas. De fato, muitos dos seus livros, organizados em variadas unidades poéticas, podem ser lidos como se se tratassem de um único poema, talvez pela coerência rigorosa de sua dicção. O que é inegável é que nesses dezoito anos de percurso poético, desde *Verso e palavra* até a presente antologia, reconhece-se a presença do poeta visceral, aquele para quem a poesia não significa atividade lúdica ou secundária, aquele, sobretudo, que tem algo a dizer e persevera na busca dessa coisa a ser dita, demanda irrenunciável que funda e sagra todo artista verdadeiro. Essa perseverança e consciência, devemos infelizmente afirmar, é virtude bastante rara no panorama geracional em que se situa o autor de *Lázaro* e *Sísifo no espelho*.

A poesia de Iacyr, por outro lado, sendo primordialmente “poesia pura”, ou seja, despojada de todo o acessório e todo o

anedótico, e marcada por uma exatidão às vezes quase cruel, não renega a sua origem mineira. Como uma poesia essencialmente da memória -- essa matéria básica da consciência, como dizia Bergson --, nela emerge, em determinados momentos, a presença inconfundível desse território uno e múltiplo que é Minas Gerais na literatura brasileira, essa Minas Gerais que vem dos árcades até Drummond, Murilo Mendes e o fabuloso Pedro Nava, e alcança em Guimarães Rosa o cume insuperável da literatura brasileira. É que há um momento em que mesmo na mais extrema essencialidade, essa que domina toda a poesia do autor, os dados concretos desta matéria impalpável que nos forma a memória transparecem e se afirmam, humanizando na pequenez do tempo pessoal a visão aguda da experiência coletiva de estar no mundo que é o tema central da obra de Iacyr e de toda a poesia.

Em *Oceano coligido*, encontrará o leitor um áspero e fascinante percurso estético, pois se a poesia -- a mais essencial e densa das formas literárias -- nunca é lugar de facilidades, constituindo, na verdade, quase uma língua dentro da língua, ainda menos o será uma poesia visceral como a de Iacyr Anderson Freitas. O resultado, porém, da fruição dessa vivência, revelar-se-á ainda mais recompensador para o leitor dotado dessa quase outra forma de arte, a capa.